Porteiras abertas

É importante toda proposta para o setor que se baseie numa visão completa da cadeia produtiva

CESAR BORGES DE SOUSA

A trajetória desenhada pela cadeia produtiva da soja é uma das mais fulgurantes da economia brasileira. A rápida inserção desse complexo econômico – praticamente inexistente no país há quatro décadas – é de fato notável. A produção brasileira praticamente dobrou de tamanho nos últimos cinco anos, saltando de 27,4 milhões de toneladas colhidas na safra 1997/98 para cerca de 51,2 milhões de toneladas previstas para o ano agrícola 2003/04.

Curiosamente, o desempenho da produção parece não ser percebido pela maior parte da sociedade brasileira – pouca gente, com efeito, é capaz de associar o complexo soja à posição de liderança da pauta de exportações nacionais. O arranque da soja brasileira, entretanto, incomoda – e muito – grandes *players* do mercado internacional, como os agricultores norte-americanos, os maiores produtores do grão.

É o que se pode depreender das declarações feitas por Richard Borgsmiller, representante da United Soybean Board (a poderosa associação de sojicultores dos Estados Unidos, com cerca de 600 mil associados), durante o evento Soy-Foods Latin America, realizado no Brasil: "Acho que nosso futuro reside em cultivar uma soja de maior qualidade ou maior funcionalidade, como variedades com maior teor de óleo, de proteína ou aminoácidos, para poder competir com a soja brasileira", disse Borgsmiller.

A preocupação do representante da United Soybean Board faz sentido. Em primeiro lugar, porque o Brasil conquistou, este ano, a liderança no *ranking* das exportações de soja, superando os Estados Unidos – um feito inédito. Os embarques brasileiros devem somar mais de US$8 bilhões este ano, acima dos US$7,2 bilhões exportados pelos Estados Unidos.

O segundo motivo de preocupação de Borgsmiller e de centenas de milhares de outros produtores norte-americanos recai sobre a produtividade brasileira. Não há, de fato, agricultor que opere com mais eficiência do que o brasileiro, da porteira da fazenda para dentro. Os números falam por si: para colher uma saca de 60kg, o produtor do Centro-Oeste desembolsa US$6,00, enquanto o produtor norte-americano gasta mais do dobro para produzir o mesmo tanto – cerca de US$13,00 por saca. No período 2000-02, a média de produtividade dos agricultores brasileiros somou 2.681kg por hectare, acima da média norte-americana, que ficou em 2.562kg.

O que mais assusta os produtores americanos, porém, é a farta disponibilidade de terras para expandir a área cultivada e sua produção. "Enquanto o Brasil tem milhões de hectares para crescer, estamos limitados nos Estados Unidos", desabafou Borgsmiller durante o encontro.

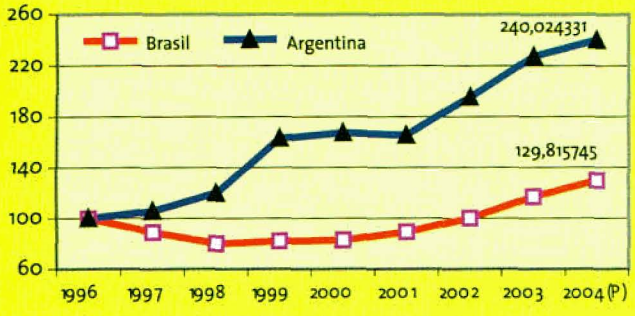
A concretização de tamanhas vantagens comparativas, entretanto, depende da correção de uma série de ineficiências localizadas do lado de fora da porteira da fazenda, que corroem a reconhecida competitividade dos agricultores brasileiros.

Esse somatório de ineficiências – o tristemente famoso custo Brasil – é velho conhecido dos brasileiros: um sistema de transportes que prioriza o caminhão em detrimento da ferrovia e da hidrovia; estradas em péssimas condições de tráfego; uma rede portuária que reclama urgentes investimentos para se modernizar; o elevado custo do capital para financiar investimentos na atividade e exíguos prazos de carência, além de uma das mais pesadas cargas tributárias do planeta.

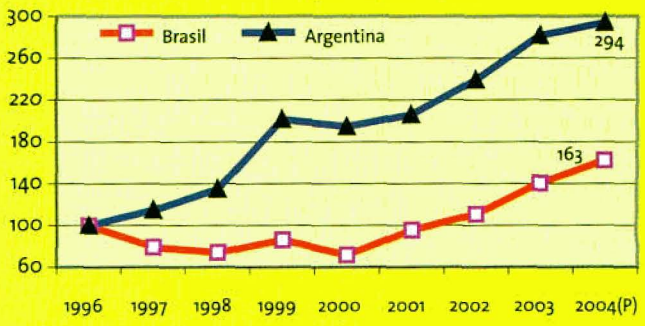
Não é razoável imaginar que tantos e tamanhos gargalos sejam suprimidos no curto prazo. É admissível, entretanto, contar com correções de rota que potencializem a dinâmica do complexo soja, um negócio que gira cerca de US$12 bilhões, gera divisas em moeda forte para o país e mobiliza um contingente de aproximadamente 300 mil pessoas.

Para tanto, porém, é preciso analisar a integração das cadeias produtivas do segmento, de forma a extrair seu máximo potencial. Um bom exemplo nesse sentido foi a aplicação da chamada Lei Kandir, que desonerou as exportações de produtos primários.

1. Farelo de soja: exportação



2. Óleo de soja: exportação



Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA (Usda), ago. 2003.
(P) Previsão

A medida é louvável, na medida em que concorre para aliviar a economia do pesado lastro tributário. O serviço, entretanto, ficou incompleto, porque não foi estendido aos demais elos das cadeias produtivas, como é o caso da soja.

A desoneração dos produtos primários conferiu maior competitividade às exportações de grãos, é verdade, porém os embarques de farelo e de óleo – produtos de maior agregado – perderam terreno para nosso principal concorrente no hemisfério Sul, a Argentina. Esse descompasso é facilmente visualizado pelos gráficos que registram a evolução das exportações de farelo e de óleo do Brasil e da Argentina a partir de 1995, quando a Lei Kandir foi promulgada (gráficos 1 e 2).

Não se pretende, evidentemente, corrigir tal distorção com a aplicação de imposto sobre a exportação – o que seria um lastimável retrocesso. É legítimo, entretanto, pleitear medidas de incentivo às exportações de derivados que agregam maior valor. Trata-se de uma providência que merece ser avaliada com presteza, porque as portas do mercado internacional para produtos agroindustriais estão cada dia mais estreitas.

Os escandalosos subsídios agrícolas desembolsados pelos países que integram a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que somam US$1 bilhão por dia, vêm sendo reforçados por barreiras tarifárias, ambientais, *sociais* e até *paisagísticas*.

Apoiar as exportações do complexo soja é questão de sobrevivência para o segmento. E a medida mais eficaz para promover o fortalecimento do agronegócio da soja é aquela que considera a cadeia produtiva como um todo: o apoio às exportações de aves e suínos, grandes consumidores de soja, mas de maior valor agregado.

Outras medidas de apoio não estão descartadas, evidentemente, sendo bem recebidas. O importante é que as propostas sejam baseadas numa visão completa da cadeia produtiva. Caso contrário, corre-se o risco de deixar o serviço pela metade, a exemplo do que se sucedeu com a Lei Kandir.

Cesar Borges de Souza *é vice-presidente da Caramuru Alimentos*

SOJA

Livre escolha

Liberar a produção de grãos não significa deixar o país à mercê dos transgênicos, porque sempre haverá espaço para o produto convencional

YWAO MIYAMOTO

O Brasil vai produzir cerca de 49 milhões de toneladas de soja em 2003. Desse total, pelo menos 6 milhões de toneladas são de soja geneticamente modificada. Essas estimativas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) mostram que aproximadamente 10% da produção brasileira do grão são transgênicos e correspondem a um valor de mercado em torno de R$1 bilhão. Grande parte do grão geneticamente modificado cultivado de forma ilegal no Brasil concentra-se no Rio Grande do Sul. Pelo menos 85% da soja no estado gaúcho já são transgênicos.

Com a Medida Provisória nº 131, assinada pelo vice-presidente José de Alencar, em 25 de setembro, os produtores poderão plantar e comercializar a soja geneticamente modificada resistente ao glifosato no